

*Organizar um número da revista «Psicologia» sobre Formação de Professores pôs-me, logo de início, a questão do critério a que deveria obedecer o número. Qualquer dos critérios que me pareciam lógicos me apresentavam, ao mesmo tempo, vantagens e limitações.*

*Tomando dois exemplos, vejamos: seria muito interessante fazer a avaliação dos modelos existentes de formação de professores, sobretudo comparando, ao nível dos seus efeitos, os modelos profissionais com os não profissionais. Interessante sim, mas onde obter trabalhos que de forma organizada e sistemática me permitissem fazer um número que não fosse meramente um conjunto de opiniões que, ainda que interessantes, não deixavam de ser opiniões pessoais, muitas vezes controversas e preconceituosas (lembrando HUSSERL, todos temos os preconceitos e o mais preconceituoso é pensar que se não tem preconceitos)? No entanto, este será um critério indispensável para organizar trabalhos no futuro, na área de formação de professores.*

*Outro critério, ainda mais evidente que o primeiro, era o de abordar o papel da Psicologia na formação de professores. A seu favor tinha o de parecer ser um dos melhores temas para o enquadramento da revista, mas tinha o enorme contra de ser reducionista em relação à problemática da formação de professores.*

*A investigação em educação é, por natureza, interdisciplinar, pois que o fenómeno educativo se centra no indivíduo aluno, no professor, na sociedade que educa, na organização escolar, etc... Assim, parece-me que uma certa abertura a referenciais múltiplos traduziria melhor a realidade que aqui se pretende analisar — a escola e os professores, os professores e os alunos, os modelos de formação de professores.*

*Dentro deste critério de interdisciplinaridade, pareceu-me aceitável o critério de organizar o número à roda de temas actuais na formação de*

*professores, pois estamos num momento de reforma do sistema educativo, imposta legalmente pela nova Lei de Bases do Sistema Educativo, aprovada em 1986. Aí não haveria escassez de temas... e a selecção teria a ver com o esclarecimento de prioridades e a antevisão da possibilidade de consecução.*

*Tendo aceite para mim própria este critério, seguiu-se o levantamento de temas e a procura de trabalhos. Também aí todas as decisões tinham vantagens e inconvenientes. As decisões finais organizaram a revista à roda de dois núcleos sectoriais — a formação do professor para o ensino da língua portuguesa como língua materna e a formação de professores e a introdução dos computadores na escola — e à roda de dois outros núcleos gerais relacionados com a problemática dos modelos de formação de professores — a formação psico-social do professor e o modelo actual de formação profissional «profissionalização em serviço».*

*Serão o desenvolvimento sócio-pessoal do professor, tratado no meu próprio artigo, e as preocupações com que o professor se defronta, tratadas no artigo de Ana Tomás, importantes para a função que desempenha? No final destes dois artigos algumas tentativas de resposta são oferecidas e muitas perguntas formuladas como pistas para futura investigação. Segue-se o artigo de Detry e Azevedo, em que se salienta que o «meu conhecimento se desenvolve a partir do meu ponto de vista sobre o mundo», perspectiva fenomenológica que, transposta para a formação de professores, requer que o ponto de partida dessa formação seja a experiência do formando.*

*Mas partir da experiência do professor não significa encerrá-lo nela. C. Alves-Pinto e eu chamamos a atenção para que o professor precisa de alargar os horizontes, para além da sua experiência. Ao que parece, em relação aos condicionalismos do insucesso escolar, a sua experiência não lhe bastou para o fazer entender, por exemplo, a importância dos factores institucionais do insucesso. Ainda sobre o insucesso escolar Manuela Fleming et al. apresentam uma recolha de dados que os professores poderão utilizar de formas variadas.*

*Se o nosso domínio da linguagem é muito limitado, confinamos-lhe o nosso mundo, os nossos sonhos, a nossa atribuição de sentido à realidade, o nosso humor... Ninguém rejeita tais afirmações. Mais difícil parece ser o consenso sobre como desenvolver no aluno o domínio e o prazer de aprender a língua materna. Essa dificuldade parece ter motivado a decisão governamental de condicionar a passagem do ano escolar à*

*passagem da disciplina de Português, decisão revogada pela Assembleia da República ainda no ano lectivo 1986-87, pelo que o despacho governamental não chegou a ser aplicado.*

*Que pensam os alunos da decisão que impôs a passagem obrigatória na cadeira de língua portuguesa? Esta foi a interrogação de que partiu H. Rodrigues e que coloca na boca dos alunos propostas de formação de professores. Quem iria ser beneficiado e ser prejudicado com a aplicação dessa decisão? O artigo de R. Castro e L. Lima, que salienta a relação entre o insucesso escolar na língua portuguesa e a origem social, pode ser visto como uma resposta a esta pergunta.*

*A linguagem materna convive com outras linguagens. A linguagem dos computadores impõe-se-nos hoje com assertividade. O que é que ela pode oferecer ao professor? Esta pergunta dirige o trabalho de G. Barros que, com a clareza de quem já pensou muito nos assuntos, nos coloca perante múltiplas possibilidades. Se os professores e as escolas não fizerem escolhas, outros se encarregarão de as fazer. Além disso, se o professor não conhecer a tecnologia do mundo em que vive para a utilizar no que ela é — um meio — pode sentir-se alienado. O artigo de Leonel Valbom faz uma especificação da utilização do computador na área de educação musical, introduzindo, assim, um debate que tem estado fora do nosso alcance e que é com certeza inovador.*

*Finalmente (the last, but not the least), o professor Kohlberg relata-nos experiências iniciadas e seguidas por ele próprio e seus colaboradores em Harvard, em que a escola e o professor contribuem para a educação sócio-moral do aluno, numa perspectiva de filosofia educacional, com suporte na Psicologia do Desenvolvimento. A educação é aí concebida também como preparação do aluno para a participação activa na cidade, na «polis», no universo, a partir da participação na sua escola, construindo um mundo de significados para a realidade social, que lhe permita simultaneamente inserir-se e libertar-se, identificar-se e rejeitar.*

*Actualmente, para os professores que não frequentaram cursos de formação inicial de professores, a «profissionalização em serviço» é o meio de fazerem a sua formação profissional. Este modelo, que foi lançado sem uma avaliação sistemática prévia do anterior, necessita de ser discutido ao nível da própria problemática genérica da formação de professores. Daí a inclusão, neste número sobre formação de professores, de um dossier sobre «profissionalização em serviço».*

*Uma das instituições de formação, o CIFOP da Universidade do Minho, ao apresentar, nos dois primeiros artigos, o modelo pedagógico adoptado contribui para esta discussão.*

*Dentro das limitações do modelo legal, o artigo de João Formosinho apresenta um modelo pedagógico para a profissionalização, o qual está a ser implementado. O artigo de Luisa Alonso e Tomé Bahia deve ser lido em conjunção com o anterior, pois representa uma operacionalização em objectivos, em componentes fundamentais do perfil do professor e em competências do modelo pedagógico apresentado no artigo anterior.*

*Neste conjunto de trabalhos sobre a profissionalização em serviço, o artigo de Manuel Sarmiento analisa a evolução do papel do Conselho Pedagógico da escola na formação de professores.*

*Não quero terminar sem referir a contribuição plástica de Armanda Passos, na capa da revista, que nos sugere, entre tanto sugerir, que a sabedoria se constrói no contacto de gerações, no diálogo do semelhante e do diferente.*

*JÚLIA OLIVEIRA - FORMOSINHO  
Braga, 1987*